

SUICIDE BY COP: UMA NOVA PERSPECTIVA SOBRE UM VELHO FENÔMENO

Alejandra Jordan¹, Nancy R. Panza, e Charles Dempsey²

Resumo

O *Suicide by Cop* (SbC) ocorre quando um indivíduo se envolve propositalmente em comportamento ameaçador contra policiais na tentativa de ser morto. Estudos anteriores descobriram que o indivíduo prototípico do SbC é do sexo masculino, na faixa dos 30 anos, com relacionamentos rompidos e problemas de saúde mental, embora esses estudos tenham se baseado quase que exclusivamente em tiroteios envolvendo policiais ou em informações públicas como fontes de dados. Para abordar a escassez de conhecimento sobre casos de SbC que envolvem nenhuma força ou força menos letal, foram analisados 419 casos de SbC da Unidade de Avaliação Mental do Departamento de Polícia de Los Angeles. Os resultados revelaram frequências semelhantes no que diz respeito às características dos indivíduos, como na literatura anterior; no entanto, foram observadas diferenças substanciais entre as características do incidente e do resultado, com uma taxa muito mais baixa de lesões e mortes. Treze variáveis foram associadas a diferentes níveis de força. Os resultados do presente estudo pintam um quadro mais positivo dos resultados do SbC para a polícia e também para os indivíduos.

Palavras-chave

suicide by cop, policial envolvido em tiroteio, resultados de força letal.

De acordo com a Fundação Americana para Prevenção do Suicídio (2015), o suicídio é responsável por mais de 44 mil mortes por ano, com uma média de 121 suicídios por dia. Além disso, para cada suicídio consumado, ocorrem aproximadamente 25 tentativas (Fundação Americana para Prevenção do Suicídio, 2015). O comportamento suicida abrange não apenas o ato inequívoco de suicídio consumado, mas também um amplo espectro de tentativas que variam de altamente letais (ou seja, a pessoa só sobreviveu devido à boa sorte ou por acaso) a minimamente letais (ou seja, comportamento que provavelmente não causará danos significativos; Mann *et al.*, 2005). Consequentemente, o suicídio, tal como o conhecemos, evolui para um fenômeno diferente quando uma terceira variável, como a polícia, é introduzida.

Suicide by Cop (SbC) é um método de suicídio em que um indivíduo se envolve propositalmente em comportamento ameaçador contra policiais na tentativa de ser morto (Mohandie, Meloy, & Collins, 2009). Nesse caso, a pessoa entrará em contato com as autoridades policiais, intencionalmente ou não, e se comportará ou se comunicará de maneira que sugira que ela deseja que os policiais acabem com sua vida. Isto pode ser visto em relatos de indivíduos que fingem exibir uma arma para a polícia, a fim de provocar o uso de força letal ou desobedecer a comandos e correr contra policiais, apesar dos avisos de que a força será usada (Hutson *et al.*, 1998; Lord, 2000; Mohandie *et al.*, 2009). Nessas circunstâncias, a intenção suicida é

¹ Departamento de Psicologia, Universidade Estadual da Califórnia, Fullerton, CA, USA Departamento de Polícia de Los Angeles, CA, USA.

² Contato com a autora:

Nancy R. Panza, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual da Califórnia, Fullerton, P.O. Box 6846, Fullerton, CA 92831, USA. Email: npanza@fullerton.edu.

exibida por meio de ações, comunicações verbais ou pela capacidade de um indivíduo de provocar um policial para atuar em sua morte (Lord, 2000).

Pesquisas sobre *suicide by cop*

As primeiras pesquisas sobre SbC basearam-se fortemente na análise de casos extraídos de fontes públicas, que incluíam casos discutidos em artigos de jornais ou na televisão, e aqueles extraídos em bancos de dados disponíveis publicamente que rastreiam tiroteios envolvendo policiais (*Officer Involved Shooting - OIS*). Aqueles trabalhos que dependiam de recursos de jornais e televisão ficaram à mercê das fontes da imprensa para apresentar com precisão informações sobre tais casos e, portanto, as informações extraídas desses estudos são um tanto limitadas. Um OIS pode ser definido como qualquer incidente em que um policial dispara a sua arma (Hutson *et al.*, 1998; Mohandie *et al.*, 2009) e muito do que se sabe atualmente sobre incidentes de SbC baseia-se em informações de casos de OIS. Muitos desses estudos baseados em OIS surgiram no final da década de 1990 e focaram principalmente na frequência com que ocorrem os incidentes de SbC. Obviamente, nem todos os incidentes OIS são casos SbC. Na verdade, o consenso geral da pesquisa é que aproximadamente 10% dos casos de OIS envolvem um componente SbC (Kennedy, Homant, & Hupp, 1998; Parent & Verdun-Jones, 1998; Wilson, Davis, Bloom, Batten, & Kamara, 1998). Atualmente, existem poucos estudos que analisaram a frequência de incidentes de SbC que ocorrem fora de um OIS; portanto, o conhecimento sobre as taxas de incidentes de SbC que são geridos com sucesso sem o uso de força letal é limitado.

Além de observar a frequência de ocorrência, alguns estudos se concentraram em compreender os indivíduos que iniciam os incidentes de SbC. Em 2000, Lord conduziu um estudo que proporcionou a primeira análise aprofundada dos fatores históricos, de personalidade, comportamentais e situacionais dos indivíduos do SbC. Para identificar casos de SbC, Lord (2000) pediu aos policiais que selecionassem incidentes em que os indivíduos exibissem verbal ou comportamentalmente o seu desejo de serem mortos quando confrontados pela polícia. Dos 64 casos analisados, as vítimas do SbC tenderam a compartilhar algumas características com indivíduos que cometeram suicídio por conta própria. Especificamente, uma grande percentagem das vítimas do SbC tinha uma doença mental identificada, um repertório de abuso de drogas e álcool, estava a passar por acontecimentos de vida stressantes no momento do incidente ou já tinha falado anteriormente sobre o desejo de cometer suicídio. Os resultados também indicaram que o abuso de substâncias (particularmente de drogas ilícitas), tentativas anteriores de suicídio, eventos de vida stressantes e comportamento ameaçador/intimidador durante o incidente SbC estavam relacionados, embora fracamente, a um resultado fatal. (Lord, 2000).

À medida em que mais se sabia sobre as características dos indivíduos e incidentes de SbC, Homant e Kennedy (2000b) argumentaram que, para ajudar a polícia a identificar esses casos e responder de forma mais eficaz, era importante compreender a motivação do indivíduo, por isso propuseram uma tipologia de casos SbC. Para isso, analisaram 143 casos de SbC extraídos de diversos meios de comunicação e outras fontes públicas e, com base nas características e na natureza do incidente, bem como no tipo de resposta policial envolvida, propuseram três tipos distintos de casos de SbC: casos de confrontos diretos, intervenção por perturbação e intervenção criminosa. Os casos de confrontos diretos representaram 31% dos

incidentes de SbC em sua amostra e envolveram o planejamento dos indivíduos de atacar a polícia antecipadamente com a intenção explícita de serem mortos pelas autoridades. Os casos de intervenção por perturbação compreenderam a maioria (57%) dos incidentes de SbC e envolveram a atuação dos indivíduos de maneira irracional e emocionalmente perturbada, o que acabou levando ao incidente de SbC. Os autores observaram que os indivíduos neste tipo de caso podem ser abertamente suicidas ou podem simplesmente aproveitar a oportunidade da chegada da polícia para ser o meio para atingir o seu fim. Finalmente, os casos de intervenção criminal representaram 12% dos incidentes de SbC e foram casos que começaram com um crime “comum”, mas a intervenção policial não foi bem-vinda e o indivíduo exibiu preferência pela morte (ou chance de fuga) em vez da prisão e encarceramento. Embora a tipologia de casos de SbC de Homant e Kennedy (2000b) tenha sido um avanço útil, devido à natureza não científica das suas fontes de dados (ou seja, informações públicas, meios de comunicação, etc.), a replicação das suas descobertas é necessária para confirmar a existência dessas categorias, bem como a frequência com que ocorrem.

Alguns estudos de SbC procuraram identificar características históricas, demográficas, dos incidentes e comportamentais que diferenciariam significativamente os casos de SbC de outros casos de OIS. Em seu estudo, Mohandie *et al.* (2009) revisaram mais de 707 arquivos OIS da polícia e agências de justiça criminal participantes de incidentes ocorridos entre 1998 e 2006. Os resultados de sua revisão revelaram 256 casos SbC e descobriram que esses casos tinham maior probabilidade de resultar na morte ou ferimentos do indivíduo do que outros casos de OIS. O indivíduo prototípico do SbC do estudo de Mohandie *et al.* (2009) era do sexo masculino e tinha cerca de 30 anos, tinha um histórico de ideação suicida, havia rompido relacionamentos interpessoais e tinha problemas de saúde mental anteriores ou atuais. A maioria dos indivíduos estava armada e quase metade dos que estavam armados descarregou propositadamente a sua arma contra a polícia durante o incidente. A maioria desses casos ocorreu espontaneamente e os indivíduos nesses casos expressaram intenção suicida verbalmente e normalmente ameaçaram outras pessoas tanto comportamental quanto verbalmente. Estas características estavam muito alinhadas com os resultados de estudos anteriores (Homant & Kennedy, 2000a; Homant, Kennedy, & Hupp, 2000; Lord, 2000, 2012, 2014; Lord & Sloop, 2010; Wilson *et al.*, 1998).

Mohandie *et al.* (2009) também classificaram sua amostra de casos de acordo com a tipologia de Homant e Kennedy (2000b). No entanto, eles encontraram diferenças notáveis nas frequências entre os três tipos de SbC, com Mohandie *et al.* (2009) com uma taxa muito mais elevada de casos de intervenção criminal (64%) e uma taxa muito mais baixa de casos de confronto direto (16%) e de intervenção por perturbação (20%). Com base nas suas análises, os autores concluíram que os indivíduos do SbC eram muito mais propensos do que os indivíduos regulares do OIS a serem deliberados, propositais e decididos nas suas acções para provocar o uso da força letal.

Em seu estudo, Mohandie *et al.* (2009) apontam algumas carências metodológicas inerentes à utilização apenas de bases de dados OIS ao estudar casos de SbC. Primeiro, fazer isso emprega um viés de amostragem ao incluir apenas os casos em que a força letal é utilizada. Olhar apenas por meio desta lente cria a possibilidade de que os indivíduos envolvidos nestas situações possam apresentar um maior grau de desespero e intencionalidade do que os indivíduos suicidas cujos casos

não terminam com o uso de força letal. Os autores postularam que talvez os casos de SbC que não evocam força letal representem uma gravidade ou gama diferente de psicopatologia. Por outras palavras, existem diferenças importantes entre os casos de SbC que terminam com o uso de força letal e aqueles que são geridos sem força ou com menos força letal? Este ponto também foi levantado por Lord (2014), que conduziu alguns dos únicos trabalhos realizados para esclarecer os casos de SbC envolvendo força menos letal.

Casos de *suicide by cop* com uso de força não letal

Uma advertência interessante encontrada na literatura do SbC é a falta de consistência na definição do que constitui um caso do SbC. Alguns estudos usaram definições de SbC que exigem que a força letal tenha sido utilizada durante um incidente (Drylie & Violanti, 2008; Hutson *et al.*, 1998), enquanto outros simplesmente exigem que um indivíduo se envolva em comportamento ameaçador em relação à polícia, numa tentativa de ser morto (Mohandie *et al.*, 2009). Apesar das definições variadas, muito poucos estudos anteriores analisaram incidentes que não envolveram força letal, mas envolveram indivíduos que tentavam fazer com que a polícia os matasse. Parent (1996, 1998), no entanto, discutiu a ideia de evolução de abordagens táticas dentro da polícia e argumentou que uma combinação de força menos letal (como *tasers* ou *spray* de pimenta) e interações mais bem treinadas e informadas entre policiais e indivíduos suicidas podem ajudar a resolver muitas situações de SbC sem recorrer à força letal. A noção de incluir situações de SbC que não envolvam uso de força ou força menos letal exige uma nova compreensão do SbC, que se afaste do uso de amostras apenas de OIS e avance em direção a um foco no nível de letalidade implantado e no resultado daí resultante. O trabalho de Lord (2000) difere daqueles que o precederam porque ele definiu SbC como incidentes em que indivíduos exibiram verbal ou comportamentalmente o seu desejo de serem mortos quando confrontados pela polícia. O estudo de Lord (2000) forneceu informações sobre diferentes resultados possíveis do SbC porque nem todos os incidentes envolveram força letal. Na verdade, 28% dos indivíduos foram internados em um hospital, 25% foram mortos pela polícia, 23% foram presos, 14% foram feridos pela polícia, 8% cometeram suicídio durante o incidente e 2% não tomaram nenhuma medida. Apoiando ainda mais a noção de que os casos de SbC podem nem sempre necessitar do uso de força letal, Homant e Kennedy (2000a) descobriram que nos casos de SbC em que foi utilizada força menos letal, 44% foram resolvidos sem a morte do indivíduo. Esses resultados certamente desafiam a noção de que os incidentes de SbC estão destinados a resultar em morte ou lesão do indivíduo e defendem a inclusão de todos os eventos em que haja indicação de intenção suicida, independentemente do nível de força utilizado ou da letalidade do resultado.

Dado que os estudos de Lord (2000) e Homant e Kennedy (2000a) estão entre os poucos que adotam esta abordagem mais ampla para analisar casos de SbC, mais pesquisas nesse sentido são necessárias para uma maior compreensão da natureza dos casos de SbC que estão fora do domínio do OIS. Isto exige que seja lançada uma rede mais ampla sobre o fenômeno do SbC como um todo, a fim de compreender e incluir todos os incidentes que possam ser considerados SbC e afastar-se da exigência de utilização de força letal ou morte do indivíduo. Contudo, para ajustar estas lacunas, os estudos devem ir além das bases de dados OIS como fonte primária de informação e isto representa um desafio. Os bancos de dados OIS têm sido usados porque os casos SbC são encontrados neles e essas informações são normalmente

informações públicas e, portanto, acessíveis. O desafio no estudo desses casos é que seria necessário ter acesso a uma base de dados interna da polícia para fornecer informações aprofundadas sobre outros incidentes relevantes. O obstáculo para receber dados internos dos departamentos policiais tem sido um grande desafio; no entanto, o acesso a esses casos poderia servir para melhorar a nossa compreensão da natureza dos casos SbC não-OIS.

Estudo atual

As informações extraídas dos OIS e de casos de alto perfil têm sido úteis na criação de um perfil do indivíduo típico do SbC, mas permanece a questão de saber se olhar apenas para estas fontes deixa escapar informações importantes sobre os incidentes de SbC que são resolvidos sem a necessidade de força letal. Ou seja, existe diferença entre os casos analisados em pesquisas anteriores e aqueles em que o indivíduo é suicida, planeja usar a polícia para acabar com a vida, mas a situação é administrada pelos policiais sem uso da força ou com uso de força menos letal? Para explorar essa possibilidade, é necessário olhar para todos os possíveis incidentes de SbC, incluindo aqueles em que não ocorreu tiroteio. Fazer isso pode capturar uma visão diferente dos indivíduos e resultados do SbC.

Além disso, se o foco for retirado da sobrevivência do indivíduo e colocado mais no desfecho do caso, cria-se uma visão diferente do SbC? A razão para esta abordagem reside na utilidade desta informação para as agências policiais. Se esses incidentes chegarem a um nível em que ocorra o uso de força letal, o policial será investigado, a agência policial ficará sob ataque e, além da potencial morte do indivíduo, o policial corre o risco de sofrer consequências emocionais negativas, pois resultado do tiroteio e possível tirar a vida de outra pessoa (Miller, 2006). Por essas razões, é útil identificar quaisquer associações entre vários aspectos dos casos em que é utilizada força menos letal ou nenhuma força e aqueles casos em que é utilizada força letal. É provável que esta informação seja útil para as agências policiais promoverem respostas que sejam mais bem sucedidas nos casos em que foi utilizada força menos letal ou – melhor ainda – nenhuma força.

Com essas considerações em mente, o presente estudo teve como objetivo responder a duas questões principais de pesquisa. Primeiro, ao analisar casos a partir de uma base de dados policial interna mais inclusiva, como é o indivíduo típico do SbC? Em particular, quando comparados com casos de SbC extraídos de uma base de dados OIS, como os do estudo de Mohandie *et al.* (2009), as características desses indivíduos e incidentes são semelhantes? Além disso, será que este conjunto mais inclusivo de indivíduos se enquadra na tipologia previamente estabelecida oferecida por Homant e Kennedy (2000b)? Observar as características desses casos pode ajudar a determinar se uma análise mais ampla dos casos de SbC oferece *insights* adicionais além daqueles extraídos exclusivamente dos casos OIS. Acrescentando, se as tipologias de Homant e Kennedy (2000b) se mantiverem com a presente amostra, isto pode oferecer alguma garantia de que esta visão mais ampla do fenômeno SbC se mantém mesmo quando se incluem casos que não envolvem força ou que envolvem força menos letal. A segunda questão a ser respondida era se determinadas variáveis estão associadas a diferentes níveis de força. Como as estratégias preventivas são melhor formadas por meio da compreensão de quais fatores encorajariam a sobrevivência de um indivíduo, em vez de sua morte, era interessante saber se diferentes níveis de força estavam associados a diferentes casos ou características dele.

Método

Participantes

Os dados para o presente estudo foram derivados de uma revisão retrospectiva de relatos de casos que foram categorizados como SbC pela Unidade de Avaliação Mental do Departamento de Polícia de Los Angeles (*Los Angeles Police Department's Mental Evaluation Unit – LAPD/MEU*). Os policiais da LAPD/MEU são especialmente treinados em avaliação de crises, negociação e doenças mentais e servem para consultar os patrulheiros em ocorrências que envolvem questões de saúde mental. Como parte do seu trabalho, a LAPD/MEU mantém uma base de dados composta por várias centenas de milhares de relatórios que captam informações importantes sobre os incidentes aos quais os policiais da LAPD/MEU respondem. As informações contidas neste banco de dados incluem dados demográficos do indivíduo, local e tipo de chamada, e uma narrativa escrita pelos policiais respondentes. Existem caixas de seleção que permitem a classificação e filtragem de tipos específicos de casos, entre essas classificações está a designação “SbC.” Os relatórios utilizados para este estudo foram identificados como SbC pelos policiais respondedores.

Na classificação dos casos, a LAPD/MEU possui um processo especial de designação para considerar os incidentes como SbC, que se baseia na definição dos Padrões e Treinamento de Policiais (1999). Para ser classificado como SbC, o indivíduo deve expressar verbalmente que deseja ser morto pela polícia ou afirmar-se comportamentalmente de forma agressiva, de forma a encorajar o SbC. Muitos (se não a maioria) dos relatórios da LAPD/MEU não envolvem tiroteio. Uma revisão de todos os incidentes na base de dados da LAPD/MEU que ocorreram entre janeiro de 2010 e dezembro de 2015 revelou inicialmente 533 casos que foram classificados como SbC. Esses casos foram pré-identificados pelo pessoal da LAPD/MEU; portanto, os pesquisadores não fizeram essa designação. Após a análise de todos os 533 casos, 114 foram excluídos da análise devido ao caso ter sido posteriormente desclassificado pela agência como não sendo de SbC, não haver relatório disponível para codificar as variáveis, ou o caso continha apenas documentação de acompanhamento para um incidente anterior do SbC. A amostra final incluiu 419 casos.

Medidas

A permissão foi obtida de Mohandie *et al.* (2009) para usar e adaptar um livro de códigos de seis páginas e 110 variáveis que foi usado em seus estudos anteriores sobre SbC. A intenção inicial de Mohandie *et al.* diferiu ligeiramente dos objetivos deste estudo, portanto o livro de códigos foi adaptado para se adequar aos dados e relatórios a serem codificados neste estudo. Esta versão modificada do livro de códigos serviu de base para a codificação de informações pertinentes dos relatórios da LAPD/MEU.

O livro de códigos adaptado incluiu 86 variáveis que foram divididas em três categorias principais: incidente, indivíduo e resultados. Dentro da categoria Incidente, as variáveis de interesse incluíam (a) características gerais do incidente (ou seja, informações descritivas, nível de força utilizada e esforços da polícia) e (b) contexto do incidente (ou seja, tipo de chamada, gravidade do crime, tipo de intervenção pretendida, ambiente e localização). Dentro da categoria Indivíduo, as variáveis de

interesse incluíram (a) dados demográficos, (b) informações sobre a comunicação (verbal e comportamental) do indivíduo (ou seja, comunicação de intenção suicida, planejamento de SbC e ameaças verbais/comportamentais), (c) uso de armas, (d) outros indicadores de SbC (ou seja, co-ocorrência de crimes, se o indivíduo evidencia ou não execução como comportamento de fuga, desobediência, resistência, agressão, comportamento de fuga inconsistente, vontade verbal, desejo de levar um tiro, destruição de propriedade ou danos a terceiros), (e) fatores psicológicos (ou seja, comportamentos suicidas anteriores, informações descritivas de tentativas anteriores, diagnóstico de saúde mental, presença de psicoticismo, uso de substâncias, número de contatos com LAPD/MEU, uso anterior/atual de medicamentos e histórico de hospitalizações e (f) fatores históricos (ou seja, histórico criminal, histórico de violência, prisões anteriores e liberdade condicional atual). Dentro da categoria Resultados, as variáveis de interesse incluíram (a) táticas policiais utilizadas e (b) o resultado do incidente. Uma variável final foi criada para capturar os três níveis de força de interesse neste estudo (sem força, menos letal ou letal).

Procedimento

O primeiro autor obteve o *status* de voluntário aprovado pelo LAPD e se apresentou à sede do LAPD para recuperar e codificar relatórios nas instalações da polícia. Manter todos os relatórios no local, na sede do LAPD, serviu para proteger a confidencialidade das informações, de modo a não violar a conformidade com a Lei de Responsabilidade e Portabilidade de Seguros de Saúde e outras proteções legais de informações privadas. Num acordo com o Tenente e Detetive da LAPD/MEU, o pesquisador se apresentou na sede, onde uma mesa com computador foi protegida e conectada por um supervisor. O Supervisor abriu o banco de dados e filtrou os casos para incluir apenas os incidentes do SbC datados de janeiro de 2010 a dezembro de 2015. A partir daí, cada caso foi revisado e as informações dos relatórios foram registradas em fichas de codificação contendo as variáveis de interesse para este estudo. Os únicos documentos que saíram das instalações foram as fichas de codificação desidentificadas. Todos os procedimentos utilizados neste estudo estavam em conformidade com os requisitos legais e éticos e tanto o LAPD quanto os conselhos de revisão acadêmica que regem as proteções de pesquisa para participantes humanos aprovaram o estudo.

Resultados

Características dos casos de *suicide by cop*

Características do indivíduo. A média de idade dos indivíduos foi de 38,01 (desvio padrão = 13,38) com variação de 14 a 76 anos. A maioria dos indivíduos eram do sexo masculino (83%) e havia uma ampla gama de raças/etnias representadas. A maioria da amostra tinha um diagnóstico de saúde mental confirmado ou provável (67%) e do grupo confirmado, a esquizofrenia foi o transtorno mais comumente diagnosticado (representando 19% da amostra total), seguida pelo transtorno bipolar e pela depressão (16% e 14%, respectivamente). Vários indivíduos já haviam sido hospitalizados anteriormente e receberam prescrição prévia ou atual de medicamentos para fins de saúde mental (40% e 38%, respectivamente; no entanto, o uso de medicamentos era desconhecido em mais de 38% da amostra para ambos). A Tabela 1 apresenta um resumo das características dos indivíduos.

Tabela 1- Comparação das características dos indivíduos.

Variável	Presente amostra		Mohandie <i>et al.</i> (2009)	
	n	%	n	%
Idade	M=38,01		M=35	
	DP=13,38		DP=10	
	Intervalo=14,76		Intervalo=16-76	
Gênero				
Masculino	348	83	243	95
Feminino	71	17	13	5
Raça/Etnia				
Hispânico	155	37	66	26
Caucasiano	128	31	106	41
Preto	96	23	42	16
Outro	22	5	3	14
Asiático	18	4	6	2
Estado civil *				
Solteiro	108	26	95	37
Casado	36	9	37	13
Coabitando	24	6	35	14
Divorciado	9	2	15	6
Separado	3	1	25	10
Filhos/dependentes *	36	9	73	29
Problemas com crianças *	12	3	46	18
Empregado *	16	4	61	24
Morador de rua	102	24	75	29
Perda recente de emprego *	18	4	35	14
Tentativa anterior de suicídio *	44	11	40	16
Internação prévia *	167	40	53	21
Diagnóstico psicológico *	279	67	158	62
Medicamentos psicológicos *	160	38	73	29
Cuidados psicológicos atuais *	118	28	54	21
Psicótico no incidente	104	25	51	20

DP = Desvio padrão. M= Média. *Variáveis que apresentavam grande número de casos desconhecidos (>20%).

Características do incidente. Os tipos de chamadas mais comuns recebidas pela polícia foram “indivíduo com doença mental” (28%) e “indivíduo suicida” (23%). A maioria dos contatos feitos com a polícia foram espontâneos (69%) e apenas 28% dos indivíduos fizeram contato deliberadamente. A maioria dos indivíduos fez comunicações suicidas durante os incidentes (89%); a maioria foi considerada agressiva durante o incidente (61%), mas poucos foram verbal ou comportamentalmente ameaçadores (38% e 43%, respectivamente). Um quarto dos indivíduos estava armado durante o incidente, mas a maioria deles estava armada com uma faca em vez de uma arma de fogo.

Tabela 2 – Comparação das características dos incidentes.

Variável	Presente amostra		Mohandie <i>et al.</i> (2009)	
	n	%	n	%
Tipo de chamada				
Indivíduo doente mental	118	28	9	4
Indivíduo suicida	97	23	21	8
Perturbando a paz	36	9	n/a	n/a
Outro	35	8	34	13
Evento observado	34	8	36	14
Violência doméstica	32	8	38	15
Pessoa com arma/faca	21	5	39	15
Assalto com arma letal	19	5	13	5
Perturbação desconhecida	10	2	13	5
Roubo em andamento	8	2	15	6
Assalto	6	1	6	2
Abordagem de trânsito	3	1	13	5
Contato espontâneo	288	69	206	81
Contato deliberado	117	28	43	17
Comunicação verbal suicida	371	89	157	61
Ameaças verbais	161	38	179	70
Brincadeiras comportamentais	179	43	252	98
Nota de suicídio	11	3	37	14
Agressão	255	61	230	90
Armado	106	25	205	80
Arma de fogo	18	4	122	60
Faca	65	16	67	26
Objeto contundente	5	1	5	2
Desarmado, outro comportamento				
Parecia possuir arma	2	1	48	19
Mãos nos bolsos	17	4	22	46
Réplica/Simulacro	15	4	26	54
Influência do álcool*	77	18	92	36
Influência de outras drogas*	42	10	40	16

n/a – não aplicável. *Variáveis que tiveram grande número de casos desconhecidos (>20%).

Para aqueles indivíduos que estavam desarmados, mas agrediram os policiais de forma ameaçadora, a maioria correu em direção aos policiais (7%) ou colocou as mãos nos bolsos de forma suspeita (4%). Todas as variáveis listadas anteriormente, com exceção do Tipo de Chamada e Tipo de Arma, foram codificadas como presentes ou ausentes. Portanto, essas categorias não são mutuamente exclusivas. A Tabela 2 apresenta um resumo das características do incidente.

Tabela 3 - Comparação das características dos resultados.

Variável	Presente amostra		Mohandie <i>et al.</i> (2009)	
	n	%	n	%
Sem uso da força	341	81	9	1
Força menos letal	71	17	48	7
Força letal	7	2	650	92
Morte do indivíduo	5	1	131	51
Lesão do indivíduo	11	3	101	40
Lesões em policiais	1	0.2	40	16
Prisão	53	13	46	43
Hospitalização	344	82	7	7

As características adicionais do incidente que não estavam na tabela incluem o comportamento que ocorreu antes do incidente real: 38% comunicaram verbalmente suas intenções suicidas (n=160) com 53% dessas comunicações especificando SbC (n=85). Em 51% ameaçaram verbalmente outras pessoas (n=212). Em 53% ameaçaram outras pessoas de maneira comportamental (n=221). Finalmente, em 43% dos casos (n=181), a polícia chamou outro serviço (seja uma equipe de saúde mental do LAPD, negociações de crise ou SWAT) e em 95% dos casos (n=396), houve esforços verbais abertos dos policiais.

Características do resultado. Os resultados revelaram que a maioria dos casos se enquadrava na categoria sem uso da força (81%), com muito menos nas categorias de força menos letal (17%) e força letal (2%). Dentro da categoria menos letal, 30% envolveram um *taser*, 27% envolveram o uso prático de força, 21% envolveram uma espingarda de munição de elastômero, 7% envolveram *spray* de pimenta e 15% usaram uma combinação dos métodos acima mencionados. No total, cinco indivíduos morreram como resultado do incidente; no entanto, um destes cinco suicidou-se durante o incidente, em vez de ser morto pela polícia como os outros quatro. A maioria (82%) dos incidentes foi resolvida com a hospitalização do indivíduo. A Tabela 3 apresenta um resumo das características dos resultados.

Comparação com pesquisas anteriores

Como um dos objetivos principais deste estudo foi comparar os resultados deste conjunto mais inclusivo e menos letal de casos de SbC com aqueles derivados do banco de dados OIS, os presentes resultados são apresentados lado a lado com os de Mohandie *et al.* (2009) nas Tabelas 1 a 3. Esta comparação direta destina-se a fornecer um contraste entre casos que foram codificados de formas semelhantes, embora obtidos a partir de conjuntos de dados muito diferentes.

Na Tabela 1, números muito semelhantes foram observados em termos de dados demográficos da amostra, com o indivíduo típico de SbC sendo do sexo masculino, com cerca de 30 anos, hispânico ou caucasiano, e provavelmente diagnosticado com um transtorno mental. Maiores diferenças, entretanto, foram observadas entre nossos resultados e Mohandie *et al.* (2009) em relação às características do incidente. A Tabela 2 mostra maior concentração de tipos de ligações categorizadas como "indivíduo mental" ou "indivíduo suicida" no presente estudo, enquanto a concentração em Mohandie *et al.* é menos claro e inclui mais

chamadas de “violência doméstica”, “outros” e “eventos observados”. Como seria de esperar, percentagens muito mais elevadas são observadas em Mohandie *et al.* no que diz respeito às variáveis indicativas de violência durante o incidente, como ameaças verbais e comportamentais, comportamento agressivo, estar armado (principalmente com armas de fogo) e estar sob efeito de álcool.

A maior diferença entre o presente estudo e Mohandie *et al.* (2009) estava dentro dos resultados dos incidentes (ver Tabela 3). Não é de surpreender que o estudo de comparação tenha resultado em 92% dos casos de OIS envolvendo o uso de força letal, enquanto o presente estudo teve apenas 2% dos casos que resultaram em força letal. Além disso, o presente estudo teve percentagens muito mais elevadas de não utilização de força ou de força menos letal; portanto, uma grande diferença é observada na taxa de morte e lesões dos indivíduos. Especificamente, a taxa de mortalidade foi de 1% no presente estudo, em comparação com 51% em Mohandie *et al.* a taxa de ferimentos nos indivíduos foi de 3% versus 40%, e a taxa de ferimentos nos policiais respondedores foi inferior a 1% versus 16%, respectivamente. Finalmente, muito mais casos da presente amostra resultaram em hospitalização do indivíduo em vez de prisão (82% vs. 7% no estudo anterior). No geral, a comparação dos presentes resultados com os relatados no estudo de Mohandie *et al.* revela semelhanças em termos de características dos indivíduos, mas diferenças notáveis entre as características do incidente e grandes diferenças nos resultados.

Tipologias de SbC

No que diz respeito às tipologias propostas por Homant e Kennedy (2000b), o presente estudo constatou que 56% de todos os casos foram classificados como intervenção por perturbação, 28% como confronto direto e 16% como intervenção criminosa. A Tabela 4 apresenta uma comparação desses resultados com os de Homant e Kennedy (2000b) e Mohandie *et al.* (2009). Estes resultados revelaram fortes semelhanças entre os presentes resultados e os de Homant e Kennedy (2000b), mas resultados diferentes em comparação com Mohandie *et al.* (2009).

Tabela 4. Comparação das tipologias de *suicide by cop* entre estudos.

Tipologia	Presente estudo (%)	Homant e Kennedy (2000b; %)	Mohandie <i>et al.</i> (2009; %)
Confronto direto	28	30	16
Intervenção em perturbação	56	57	20
Intervenção criminosa	16	12	64

Diferença no uso da força

Análises de qui-quadrado foram conduzidas para determinar se diferentes características do indivíduo e do incidente estão mais fortemente associadas a diferentes níveis de força (sem uso de força, força menos letal e força letal). Antes da análise, os dados foram selecionados quanto a valores faltantes. Para a maioria das variáveis os dados estavam completos; no entanto, algumas das características demográficas e disciplinares careciam de um grande número de valores e, como tal, não foram incluídas nestas análises. A única variável para a qual isso é uma exceção foi o diagnóstico, para o qual foi utilizada a exclusão pareada dos casos e apenas os casos completos foram analisados.

Não foram encontradas associações significativas para nenhuma das variáveis demográficas. As variáveis analisadas incluíram sexo, raça/etnia,

diagnóstico de saúde mental, presença de psicose e situação de rua. Os resultados são apresentados na Tabela 5. Para as variáveis incidentes relevantes, os resultados revelaram diversas associações significativas entre os diferentes níveis de força. Os indicadores comportamentais e verbais da ideação suicida dos indivíduos, bem como o comportamento geralmente agressivo, foram significativos, enquanto ambos os tipos de contato com a polícia (espontâneo e deliberado), comunicação de SbC e destruição de propriedade não foram significativos. A Tabela 6 apresenta os resultados das 22 análises juntamente com as frequências e percentagem de casos ocorridos em cada um dos três níveis de força.

Tabela 5 - Tabulação cruzada de níveis de força e variáveis em relação ao indivíduo.

Variável	X ² (df)	p
Gênero	3,14 (2)	.209
Etnia	10,79 (8)	.214
Sem-teto	8,56 (4)	.073
Diagnóstico*	0,81 (2)	.666
Psicótico	5,20 (2)	.074

* Esses resultados devem ser interpretados com cautela, pois houve um grande número de casos com valores faltantes.

Tabela 6 - Frequências e associações entre os vários níveis de força para variáveis dos incidentes.

Variável	Sem força		Força menos letal		Força letal		X ²	p
	n	%	n	%	n	%		
Contato espontâneo	235	69	51	72	2	29	3.10	191
Contato deliberado	98	29	16	23	3	43	3.19	203
Prejudicar os outros	45	13	20	28	4	57	14.84	001***
Correr como comportamento de fuga	13	4	8	11	1	14	6.31	043*
Comunicação verbal suicida	309	91	61	86	1	14	22.48	000***
Comunicação SBC	284	83	57	80	1	14	0.41	8 15
Ameaças verbais	107	31	50	70	4	57	38.14	000***
Pedindo para levar um tiro	299	88	58	82	1	14	19.89	000***
Vontade verbal de morrer	309	91	53	75	2	29	24.70	000***
Indicadores comportamentais suicidas	144	42	59	83	7	100	55.16	000***
Ameaças comportamentais	109	32	63	89	7	100	94.61	000***
Armado	69	20	30	42	7	100	33.77	000***
Agressão	177	52	71	100	7	100	88.71	000***
Resistência	122	36	71	100	7	100	135.25	000***
Não conformidade	141	41	71	100	7	100	117.53	000***
Comportamento de fuga inconsistente	51	15	22	31	1	14	9.28	010**
Destruição de propriedade	45	13	10	14	0	0	2.03	363

Nota: As porcentagens são calculadas a partir do número de indivíduos em cada grupo (sem força 341,

força menos letal 71 e força letal 7), para todas as análises X^2 $df = 2$. SbC = *Suicide by Cop*.

Para fornecer uma representação visual dos diferentes níveis de força observados nessas variáveis, foram criados gráficos de barras agrupadas (ver Figuras 1-3). Os percentuais apresentados nos gráficos são calculados a partir do número de indivíduos em cada uma das três categorias de nível de força; portanto, cada barra representa a porcentagem de casos desse nível de força que são representados para aquela variável (ou seja, o contato espontâneo foi observado em 69% dos 341 casos que não envolveram uso de força, 72% dos 71 casos que envolveram força menos letal, e 29% dos 7 casos envolvendo força letal). Esses gráficos ilustram uma probabilidade muito alta de uso de força letal com a presença de características comportamentais evidentes. Além disso, parece haver uma maior probabilidade de nenhuma força ser utilizada quando o indivíduo é mais verbal e comunicativo sobre a sua ideação suicida. O mais revelador dos gráficos é a Figura 3 com as características comportamentais durante o incidente. Quase todas as variáveis listadas nesse gráfico foram observadas em 100% dos casos de força letal (exceto comportamento de fuga inconsistente) e a maioria também foi observada em 80% dos casos de força menos letal (exceto comportamento de fuga inconsistente e sujeito armado). Estes resultados implicam que existe uma maior probabilidade de uso de força quando indicadores comportamentais estão presentes durante o incidente, embora os resultados relativos à força letal devam ser interpretados com cautela, uma vez que são compostos por frequências tão baixas que a generalização dos dados pode ser limitada.

Figura 1 - Diferenças no uso da força por características dos incidentes de SbC.

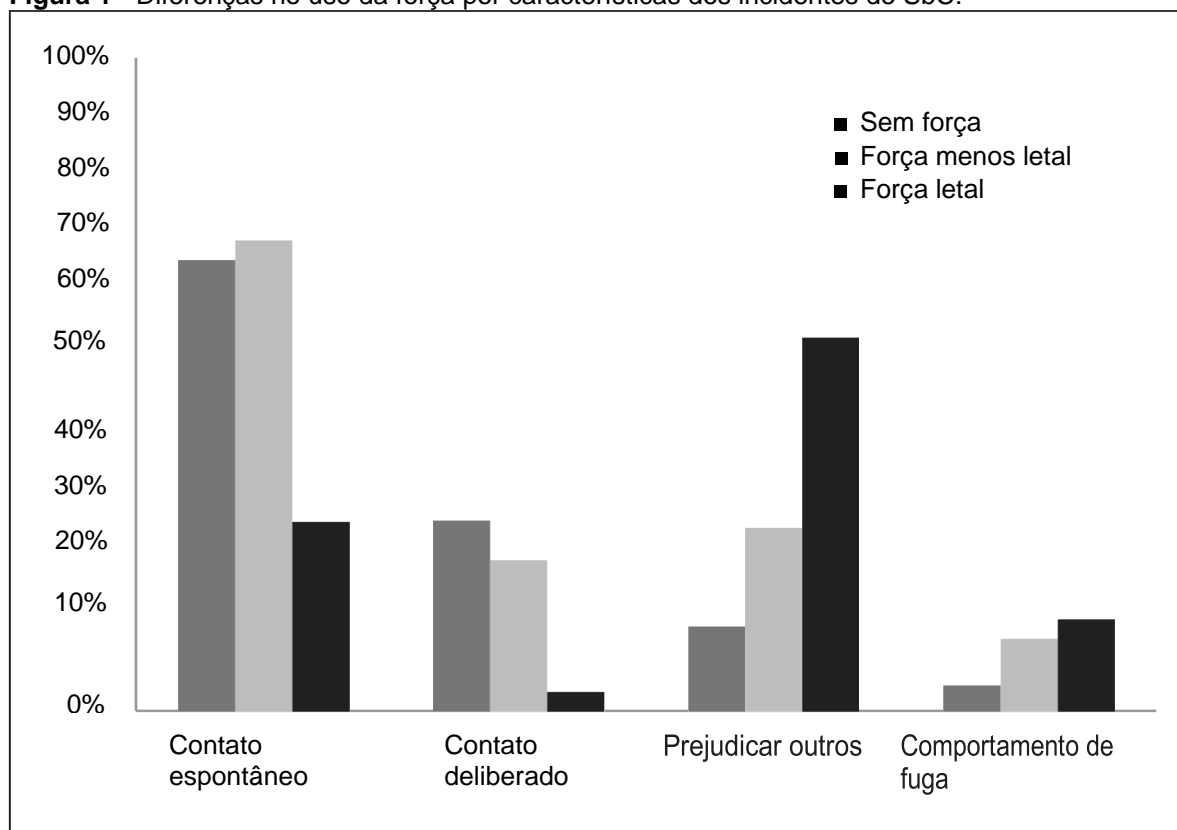


Figura 2 - Diferenças no uso da força por características verbais durante incidentes de SbC.

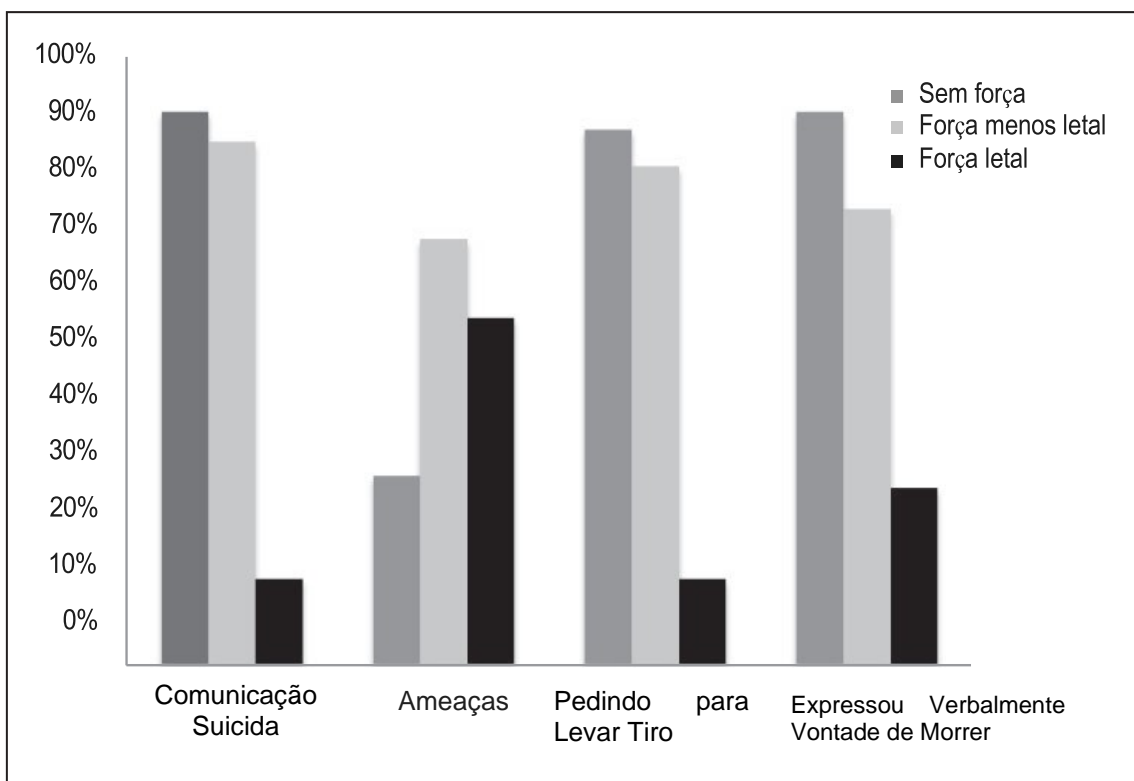
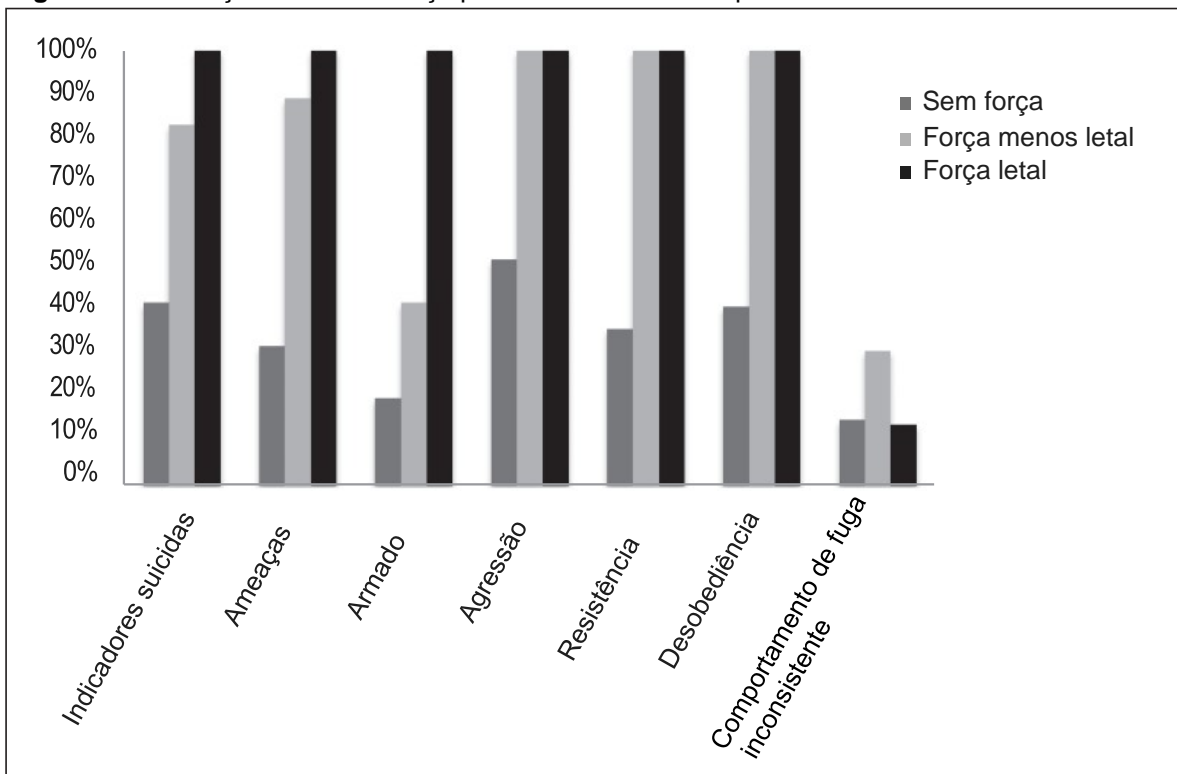


Figura 3 - Diferenças no uso da força por características comportamentais durante incidentes de SbC.



Discussão

A maioria do que se sabe atualmente sobre os casos de SbC deriva de estudos que utilizam bases de dados OIS e casos de grande visibilidade nos meios de comunicação social como fontes, o que significa que praticamente todo o conhecimento sobre estes incidentes provém de casos em que os policiais utilizaram força letal. O presente estudo teve como objetivo ampliar o estado atual da literatura do SbC, analisando os casos de SbC de um banco de dados interno da polícia, onde o departamento de polícia classificou os casos e onde estão incluídos todos os casos que envolvem algum grau de intenção suicida, independentemente de serem letais ou não a força estava envolvida.

Características dos casos de SbC

O primeiro objetivo do presente estudo foi determinar, ao usar uma gama mais ampla de casos, como era o indivíduo e incidente típico do SbC e quão semelhantes essas características eram aos achados da literatura anterior. Esperava-se que os resultados fossem semelhantes, particularmente de Mohandie *et al.* (2009), pois este estudo incluiu a maior amostra de casos de SbC até o momento e utilizou procedimentos e estratégias de codificação semelhantes. Os resultados revelaram que o indivíduo médio do SbC era do sexo masculino, com idade média de 38 anos, ampla gama de raças/etnias representadas e alta probabilidade de doença mental. Os tipos de chamadas mais comuns para esta amostra foram “indivíduo suicida” e “indivíduo com doença mental” e 89% dos indivíduos indicaram verbalmente sua intenção suicida durante os incidentes. Os resultados destes casos mostram que a maioria foi resolvida sem qualquer uso de força (81%) e a maioria dos indivíduos foram hospitalizados (82%) em vez de presos.

Em comparação com Mohandie *et al.* (2009), os presentes dados mostram que, embora superficialmente esses casos pareçam semelhantes em termos demográficos, quando se olha mais de perto o que acontece durante o incidente e como essas ocorrências são resolvidas, existem muitas diferenças. Primeiro, ambas as amostras envolveram mais contatos espontâneos do que deliberados, mas os dados atuais mostram notavelmente mais chamadas envolvendo indivíduos suicidas ou com doenças mentais. Em segundo lugar, a presente amostra envolveu muito poucos casos envolvendo força letal e uma probabilidade muito menor de os policiais ou indivíduos serem feridos ou mortos. Na verdade, a maioria dos indivíduos da presente amostra foi hospitalizada, em vez de ser presa. Assim, embora pareça que estamos a lidar com indivíduos semelhantes, os incidentes reais são resolvidos de formas muito diferentes nestas duas amostras.

Embora uma explicação definitiva da origem dessas diferenças esteja além do âmbito deste estudo, é lógico concluir que as diferenças entre as amostras são um reflexo direto das diferenças nas fontes de dados. Evidentemente, os casos OIS implicam mais letalidade, pois, por definição, envolvem tiroteio. Portanto, esses casos acarretam uma probabilidade muito maior de ferimentos ou morte, não só para os indivíduos, mas também para os policiais (Mohandie *et al.*, 2009). Por outro lado, a análise de uma gama mais ampla de casos revela uma perspectiva mais otimista para os casos SbC, uma vez que a taxa resultante de lesões e mortes cai substancialmente. Ao considerar a fonte dos dados para o presente estudo, todos os casos foram extraídos do banco de dados da LAPD/MEU. A LAPD/MEU é uma unidade projetada especificamente para auxiliar policiais em casos que envolvam algum grau de problema de saúde mental. Quando olhamos para os casos de SbC por meio desta

lente, podemos concluir que ter o apoio da equipe da LAPD/MEU provavelmente ajudou a resolver os casos de uma forma que promove o uso de recursos de saúde mental, em vez de ter apenas táticas policiais e vários níveis de força para responder. Embora sejam necessárias mais pesquisas para concluir que as equipes da LAPD/MEU são a principal razão por trás das resoluções mais bem-sucedidas nesta amostra, é uma inferência lógica que justifica mais testes. Caso estas conclusões sejam transferidas para outros departamentos e ambientes, isso proporcionaria um forte apoio aos departamentos que ainda não os possuem, para implementar apoios de saúde mental para policiais, tais como equipes LAPD/MEU e treinamento da Equipe de Intervenção em Crises (*Crisis Intervention Team* - CIT), uma vez que estes recursos poderiam ser de vital importância para a segurança de policiais e indivíduos em casos envolvendo SbC.

Tipologias dos casos de SbC

Os presentes resultados foram classificados de acordo com a tipologia formulada por Homant e Kennedy (2000b). Como o único estudo anterior que tentou utilizar essas tipologias apresentou resultados conflitantes, os presentes dados fornecem uma terceira visão e indicaram forte consistência com as frequências de casos encontradas por Homant e Kennedy (2000b). Portanto, parece que, também aqui, a fonte dos dados provavelmente é importante quando se tenta categorizar os casos de acordo com esta tipologia. Ao olhar apenas por meio das lentes do OIS, a maioria dos casos SbC envolve um elemento criminoso; no entanto, quando olhamos para uma variedade mais ampla de casos, vemos que pouco mais de metade dos casos são intervenções perturbadas, com menos confrontos diretos, e os casos que envolvem intervenções criminais são o tipo de caso SbC menos frequente. No geral, estas três categorias parecem fornecer uma forma útil de categorizar incidentes e, dadas as elevadas frequências de casos de intervenção perturbados, a importância do treinamento e dos recursos em saúde mental para os policiais é enfatizada como uma forma de ajudar a aumentar a probabilidade de melhores resultados.

Diferenças de casos SbC por nível de força utilizada

O segundo objetivo principal deste estudo foi determinar se alguma característica do caso estava associada a diferentes níveis de força. Primeiro, não foram encontradas associações entre níveis de força para nenhuma das variáveis demográficas. Dado o foco intenso no policiamento e na raça, é importante explorar se certas características superficiais, como gênero ou raça, podem provocar uma maior probabilidade de uso de força letal, mas neste estudo isso não parece ser o caso. Em segundo lugar, ao analisar as características do incidente, também é reconfortante ver que as variáveis associadas à força letal são as coisas que evocariam a força em qualquer encontro policial. Especificamente, quando um indivíduo é agressivo, armado, ameaçador comportamentalmente ou prejudicando outras pessoas, as chances de uso de força letal aumentam. No geral, estes resultados encorajam que, mesmo nessas situações intensas em que um indivíduo pode estar a provocar diretamente os policiais numa tentativa de SbC, esse uso de força letal parece ser usado apenas em casos em que uma ameaça comportamental direta ou baseada em armas está presente. Além disso, não se vê uma escalada em vigor, mesmo nos casos em que um indivíduo pode comunicar diretamente o desejo de ser morto pela polícia ou pode ser destrutivo para a propriedade, mas não um perigo para outros. Os casos de contato espontâneo e direto não foram associados a

uma maior probabilidade de menos força; assim, parece que simplesmente olhar para o tipo inicial de contacto num caso não se relaciona com o resultado potencial desse caso. Ao considerar essas descobertas, é importante ter em mente que nenhuma inferência causal pode ser feita. Em vez disso, as conclusões apenas ilustram padrões e associações identificadas nos vários níveis de força incluídos no estudo.

Implicações

Os resultados da presente análise de casos extraídos de uma base de dados policial interna oferecem uma perspectiva diferente do SbC em comparação com estudos anteriores, em que os casos foram extraídos exclusivamente de bases de dados OIS ou de fontes públicas de mídia. Pesquisas anteriores concluíram geralmente que estes casos são altamente perigosos e normalmente envolvem o uso de força letal (Flynn & Homant, 2000). A perspectiva mais ampla da presente análise oferece novos *insights*. As semelhanças nas características demográficas aumentam o nível de confiança de que o presente estudo está falando sobre o mesmo fenômeno que foi capturado na literatura anterior do SbC; no entanto, as diferenças também são reveladoras. O que é sem dúvida a conclusão mais importante destas conclusões é que as probabilidades de estas situações serem resolvidas pacificamente são provavelmente maiores do que se acreditava anteriormente. Dado que, dos 419 casos analisados, apenas 3% dos indivíduos ficaram feridos, 1% foram mortos e um policial ficou ferido; isso representa um forte contraste com estudos anteriores, como Mohandie et al. (2009), onde as taxas de morte de indivíduos foram relatadas tão altas quanto 51%, com 40% dos indivíduos e 16% dos policiais feridos. Num dos poucos outros estudos onde foram incluídos casos de SbC envolvendo força menos letal, Homant e Kennedy (2000a) também encontraram taxas mais baixas de letalidade. No entanto, as taxas da amostra atual ainda são muito mais baixas do que as deste estudo. Embora os resultados atuais precisem claramente ser replicados, esta primeira visão de uma lente mais ampla oferece mais esperança para uma resolução bem-sucedida de casos de SbC do que a observada em estudos anteriores.

Ao considerar estas conclusões, é importante notar que os resultados são derivados de uma amostra de um departamento que dispõe de uma equipe especializada à disposição dos policiais que necessitam de assistência quando existe um possível problema de saúde mental durante uma chamada. É possível que o baixo nível de letalidade encontrado no presente estudo seja específico do LAPD/MEU devido ao extenso treinamento em saúde mental fornecido aos seus policiais. Nesta linha, parece que a tipologia de Homant e Kennedy (2000b) pode ser uma forma útil de conceptualizar e classificar estes casos. Se a maioria dos casos de SbC são intervenções perturbadas, como visto na presente amostra e na amostra original de Homant e Kennedy (2000b), então poderia ser benéfico fornecer recursos e treinamento para que os policiais aprendam como lidar com esses casos da forma mais eficaz e maneiras possíveis. Atualmente, o modo mais promissor de conseguir isso é através da utilização do CIT (ou seja, a LAPD/MEU). Estudos sobre programas CIT descobriram que eles estão tendo um impacto positivo e influência na forma como os policiais resolvem chamadas envolvendo pessoas com doenças mentais (Lord & Bjerregoord, 2014) e, particularmente, na melhoria das atitudes dos policiais e na eficácia nas interações com indivíduos com doenças mentais, doença (Watson, Compton, & Draine, 2017). Além disso, em comparação com os seus pares não treinados no CIT, os policiais do CIT têm uma maior probabilidade de redirecionar uma pessoa com doença mental para uma intervenção de saúde mental em vez de uma

intervenção de justiça criminal (Watson *et al.*, 2010). Embora mais pesquisas possam ajudar a esclarecer se estas conclusões são específicas deste departamento, deveria ser levantada uma *bandeira vermelha* para departamentos que não têm um treinamento tão extensa, mas que ainda podem estar a lidar com os mesmos tipos de chamadas. Para os departamentos que não dispõem destes recursos, recomenda-se um esforço para desenvolvê-los.

Finalmente, em termos das diferenças observadas entre os casos nos níveis de força utilizada, é encorajador verificar que os factores demográficos e de saúde mental não estavam associados ao uso da força letal; em vez disso, vemos níveis mais elevados de força ocorrendo com a presença de comportamento agressivo e ameaçador. Estes são os comportamentos que logicamente se esperariam que evocassem um continuum de força, pelo que parece que os agentes policiais envolvidos estavam em conformidade com o protocolo típico de uso da força. No entanto, para estudar mais profundamente este fenómeno, é importante que as agências policiais de todo o país adotem um método formal para identificar e rastrear incidentes de SbC. Os casos deste estudo foram analisados apenas porque o LAPD os rastreia de forma padronizada. A base de dados da LAPD/MEU foi criada para rastrear esses incidentes, bem como outras variáveis importantes, para que possam ser estudadas, usadas para implementar mudanças e para desenvolver e conduzir treinamentos para ajudar os policiais e o pessoal de apoio a estarem bem equipados para lidar com essas situações, que possível. Outros departamentos são incentivados a seguir o exemplo, pois é evidente que muito pode ser aprendido estudando o que funciona e o que não funciona neste tipo de incidentes.

Limitação e direções futuras

É claro que, como em todos os estudos do SbC, a análise é tão boa quanto as informações dos relatórios e a forma como são codificadas. Em retrospectiva, existem fragilidades metodológicas que devem ser consideradas. O livro de códigos usado por Mohandie *et al.* (2009) e adaptado para o presente estudo foi útil, mas a adaptação foi difícil porque as fontes de dados dos estudos eram bastante diferentes. O livro de códigos oferecia principalmente dados categóricos, o que impossibilitava a realização de análises estatísticas mais avançadas. Além disso, como cada variável foi codificada independentemente de outras variáveis, foi impossível apresentar ou analisar dados para combinações de variáveis que pudessem ser de interesse. Estudos futuros que investiguem variáveis semelhantes devem ter estas considerações em mente ao criar e definir variáveis.

Em termos de coleta de dados, havia apenas um codificador para os dados, portanto não havia como avaliar a confiabilidade entre avaliadores. Embora a maioria dos dados fosse bastante objetiva, sempre que houvesse apenas um codificador para um grande volume de dados, ocorreria a oportunidade de erro e teria sido ideal ter uma parte dos relatórios codificada por um segundo avaliador para garantir a consistência. Além disso, o banco de dados é uma criação mais recente do departamento, portanto podem-se esperar imperfeições e para este estudo, 114 dos 533 casos inicialmente analisados tiveram que ser excluídos. Este grande número de relatórios incorretamente codificados ou irrelevantes leva a algum grau de cautela em termos de saber se todos os relatórios relevantes foram capturados e se todos os relatórios irrelevantes foram excluídos. Finalmente, houve uma grande percentagem de respostas “desconhecidas” a muitas das variáveis demográficas e de saúde mental devido à variabilidade da informação disponível e à variabilidade na elaboração de

relatórios pelos agentes. Embora as variáveis ainda sejam importantes a considerar, as análises estatísticas foram limitadas por um grande número de respostas desconhecidas.

Ainda há muito a ser descoberto sobre o SbC. Estudos adicionais que utilizem bases de dados semelhantes são cruciais para ampliar o conhecimento nesta área. Embora este estudo tenha se baseado no uso de dados extensos de um grande número de casos, esses casos foram extraídos de um departamento. Ter sistemas de rastreamento semelhantes em outros departamentos forneceria os meios para análise de dados de departamentos com tamanhos e localizações geográficas mais amplas. Atualmente, com exceção de alguns bancos de dados nacionais notáveis (ou seja, o Sistema de Dados de Barricadas de Reféns mantido pelo Federal Bureau of Investigation; Sistema Nacional de Notificação de Mortes Violentas mantido pelo Centro de Controle de Doenças) que foram usados em pesquisas anteriores (Lord, 2012, 2014; Lord & Sloop, 2010), há pouco conhecimento ou consciência deste tipo de rastreamento que ocorre dentro de departamentos individuais em todo o país. Estudos futuros de casos de SbC que utilizam relatórios internos que reúnem informações sobre toda a amplitude dos incidentes podem permitir trabalho adicional e *insights* sobre como esses casos se desenrolam, particularmente em situações em que a força letal não é usada e uma morte violenta não ocorre. Além disso, tais bases de dados seriam excepcionalmente úteis se rastreassem informações sobre questões mais sutis, como a crise dos opiáceos e as questões dos veteranos, que podem potencialmente entrar em cena com os casos de SbC e que ainda não foram exploradas na pesquisa sobre este tema.

Estudos que comparem incidentes de SbC de departamentos que têm ou não treinamento CIT ou MEUs específicos seriam benéficos para determinar se diferenças nos resultados são observadas quando este tipo de recurso está em vigor. Além disso, pesquisas como a de Best, Quigley e Bailey (2004) e Lord e Sloop (2010), que visam desenvolver um sistema ou ferramenta que possa ser usada para melhor triagem e classificação de chamadas SbC, podem ajudar a preparar melhor os policiais respondedores para lidar com essas chamadas e, idealmente, aumentar a probabilidade de uma intervenção de saúde mental em detrimento de uma intervenção de justiça criminal, quando apropriado. Quanto mais bem treinados e mais bem equipados forem os policiais para lidar com tais chamadas, maior será a probabilidade de o indivíduo não só sobreviver, mas também de ter os seus problemas de saúde mental tratados no ambiente apropriado. Finalmente, recomenda-se que sejam realizadas pesquisas que envolvam um levantamento das percepções dos policiais sobre os encontros de SbC. Este estudo seria útil para ajudar a determinar se os policiais acreditam que estes casos são possíveis de resolver sem o uso da força e se estas percepções sobre a probabilidade de resoluções bem sucedidas estão em linha com o que se sabe atualmente sobre estes casos.

No geral, as presentes conclusões mostram que quando olhamos de forma mais ampla para os casos de SbC e vamos além dos apenas casos de OIS, existem semelhanças entre os indivíduos envolvidos nestes incidentes, mas diferenças nos resultados. Há mais hospitalizações involuntárias e menos mortes e ferimentos em indivíduos e policiais. Além disso, a força letal é observada nos casos em que tal força normalmente seria necessária devido ao comportamento ameaçador dos indivíduos. Esta perspectiva nova e mais ampla parece fornecer uma visão mais otimista do fenômeno SbC e da capacidade dos policiais para gerir estas situações, particularmente quando contam com o apoio de uma equipe do tipo LAPD/MEU ou

treinamento CIT para ajudar na gestão dessas situações intensas e muitas vezes situações imprevisíveis.

Nota dos autores

Os resultados desta pesquisa foram apresentados na conferência anual da Sociedade de Psicologia Policial e Criminal em setembro de 2017 em San Diego, CA. Esta pesquisa não teria sido possível sem o apoio do Departamento de Polícia de Los Angeles e, em particular, de Kimberly Telesh, PhD; Charles Lennon, LCSW; Tenente Brian Bixler; e Scott Musgrove, PsyD.

Declaração de interesses conflitantes

Os autores não declararam possíveis conflitos de interesse com relação à pesquisa, autoria e/ou publicação deste artigo.

Financiamento

Os autores não receberam apoio financeiro para a pesquisa, autoria e/ou publicação deste artigo.

ORCID iD Nancy R. Panza <https://orcid.org/0000-0002-7932-5566>

Referências

- American Foundation for Suicide Prevention. (2015) *Suicide statistics—AFSP*. <https://afsp.org/about-suicide/suicide-statistics/>
- Best, D., Quigley, A., & Bailey, A. (2004). Police shooting as a method of self-harming: A review of the evidence for 'suicide by cop' in England and Wales between 1998 and 2001. *International Journal of the Sociology of Law*, 32, 349-361.
- Drylie, J., & Violanti, J. (2008). *"Copicide": Concepts, cases, and controversies of suicide by cop*. Springfield, IL: Thomas.
- Flynn, T. P., & Homant, R. J. (2000). Suicide by police on section 1983 suits: Relevant of police tactics. *University of Detroit Mercy Law Review*, 77, 555-578.
- Homant, R. J., & Kennedy, D. B. (2000a). Effectiveness of less than lethal force in suicide-by-cop incidents. *Police Quarterly*, 3, 153-171.
- Homant, R. J., & Kennedy, D. B. (2000b). Suicide by police: A proposed typology of law enforcement officer-assisted suicide. *Policing: An International Journal of Police Strategies and Management*, 23(3), 339-355.
- Homant, R. J., Kennedy, D. B., & Hupp, R. T. (2000). Real and perceived threat in police officer-assisted suicide. *Journal of Criminal Justice*, 28, 43-52.
- Hutson, H., Anglin, D., Yarbrough, J., Hardaway, K., Russell, M., Strote, J., Blum, B. (1998). Suicide by cop. *Annals of Emergency Medicine*, 32(6), 665-669.
- Kennedy, D. B., Homant, R. J., & Hupp, R. T. (1998, August). Suicide by cop. *FBI Law Enforcement Bulletin*, 67, 21-27.
- Lord, V. B. (2000). Law enforcement-assisted suicide. *Criminal Justice and Behavior*, 27(3), 401W19.
- Lord, V. B. (2012). Factors influencing subjects observed level of suicide by cop intent. *Criminal Justice and Behavior*, 39, 1633-1646.

Lord, V. B. (2014). Police responses in officer-involved violent deaths: Comparison of suicide by cop and no-suicide by cop incidents. *Police Quarterly*, 17, 79-100.

Lord, V. B., & Bjerregood, B. (2014). Helping persons with mental illness: Partnerships between police and mobile crisis units. *Victims and Offenders*, 9, 455W74.

Lord, V. B., & Sloop, M. W. (2010). Suicide by cop: Police shooting as a method of self-harming. *Journal of Criminal Justice*, 38, 889-895.

Mann, J., Apter, A., Bertolote, J., Beautrais, A., Currier, D., Haas, A., ... Hendin, H. (2005). Suicide prevention strategies: A systematic review. *Journal of the American Medical Association*, 294(16), 2064-2074.

Miller, L. (2006). Suicide by cop: Causes, reactions, and practical intervention strategies. *International Journal of Emergency Mental Health*, 8(3), 165-174.

Mohandie, K., Meloy, R., & Collins, P. (2009). Suicide by cop among officer-involved shooting cases. *Journal of Forensic Sciences*, 54(2), 456W62. doi:10.1111/j.1556-4029.2008.00981

Parent, R. (1996). *Aspects of police use of deadly force in British Columbia. The phenomenon of victim precipitated homicide* (Master's thesis). Simon Fraser University, Burnaby, Canada.

Parent, R. (1998). Suicide by cop: Victim-precipitated homicide. *The Police Chief*, 65, 111-114.

Parent, R., & Verdun-Jones, S. (1998). Victim-precipitated homicide: Police use of deadly force in British Columbia. *Policing*, 21, 432W48.

Police Officer Standards and Training. (1999). *Suicide by cop. A satellite telecourse for law enforcement (Student reference manual)*. Sacramento: California Commission on Peace Officer Standards and Training.

Watson, A., Compton, M. T., & Draine, J. N. (2017). The crisis intervention team (CIT) model: An evidenced-based policing practice? *Behavioral Sciences and the Law*, 35, 431W41.

Watson, A., Ottati, V., Morabito, M., Draine, J., Kerr, A., & Angell, B. (2010). Outcomes of police contacts with persons with mental illness: The impact of CIT. *Administration & Policy in Mental Health & Mental Health Services Research*, 37(4), 302-317.

Wilson, E., Davis, J., Bloom, J., Butten, P., & Kamara, S. (1998). Homicide or suicide: The killing of suicidal persons by law enforcement officers. *Journal of Forensic Sciences*, 43(1), 4H-52.

Biografias dos autores

Alejandra Jordan, M.S, concluiu seu mestrado em psicologia clínica na California State University, Fullerton. Como parte de seu projeto de tese, ela trabalhou com o Departamento de Polícia de Los Angeles e utilizou o banco de dados da Unidade de Avaliação Mental para a pesquisa. Atualmente, ela trabalha como gerente de caso em Indiana e está se licenciando como terapeuta. Ela deseja continuar no campo de pesquisa com foco em psicologia policial e criminal.

Nancy R. Panza, PhD, é professora do Departamento de Psicologia da California State University, Fullerton. Ela completou seu doutorado em Psicologia Clínica, com concentração em Psicologia e Direito, na Universidade do Alabama e passou 4 anos

como professora assistente no John Jay College of Criminal Justice, na cidade de Nova York, antes de vir para a California State University, Fullerton. Seus interesses clínicos e de pesquisa incluem avaliação forense e psicologia policial. Ela trabalhou em instalações municipais, estaduais e federais prestando serviços para infratores juvenis e adultos e trabalhou com departamentos de polícia em Nova York, Alabama e Califórnia.

Charles Dempsey, Detetive III, Departamento de Polícia de Los Angeles, é o Policial Encarregado da Divisão de Treinamento Administrativo, Unidade de Avaliação Mental do Departamento de Polícia de Los Angeles. Ele tem mais de 30 anos de experiência policial no Departamento de Polícia de Los Angeles e no Departamento de Defesa. Ele possui graduação em Ciências em Enfermagem e concluiu o Programa de Treinamento Clínico, no Centro Nacional de Transtorno de Estresse Pós-Traumático, Menlo Park, CA. Ele prestou depoimento de perito em julgamentos civis estaduais/federais sobre a resposta policial a pessoas com doenças mentais, que estão em crise. Em 1999, o detetive Dempsey foi vítima de um incidente de suicide by cop.

Fonte: Suicide by Cop: A New Perspective on an Old Phenomenon. Traduzido por Onivan Elias de Oliveira – Cel QORR PMPB.